



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

CLAUDIO JORGE DOS SANTOS

**VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS E SEU IMPACTO
SOBRE O AMBIENTE ESCOLAR: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

CLAUDIO JORGE DOS SANTOS

**VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS E SEU IMPACTO
SOBRE O AMBIENTE ESCOLAR: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Projeto de Pesquisa apresentado ao Curso de BHU da UNILAB, como requisito para obtenção da nota do 3º semestre da disciplina de TCC1 tendo como orientadora a Professora Jucélia Santos.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

CLAUDIO JORGE DOS SANTOS

**VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS E SEU IMPACTO
SOBRE O AMBIENTE ESCOLAR: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Projeto de Pesquisa apresentado ao Curso de BHU da UNILAB, como requisito para obtenção da nota do 3º semestre da disciplina de TCC1 tendo como orientadora a Professora Jucélia Santos.

Data de aprovação: 30/08/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Jucélia Bispo dos Santos (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Denilson Lima dos Santos

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	OBJETIVOS	7
2.1	OBJETIVO GERAL	7
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	7
3	JUSTIFICATIVA	8
4	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
4.1	EDUCAÇÃO E VALORES	10
4.2	TIPOS DE VIOLÊNCIA ESCOLAR E O BULLYING	11
4.2.1	Consequências comportamentais das vítimas do bullying	14
4.2.2	Características da personalidade dos espectadores e dos agressores do bullying	14
4.3	PROPOSTAS DE MEDIAÇÃO DE CONFLITO	15
5	METODOLOGIA	16
6	CRONOGRAMA DE DESENVOLVIMENTO	17
	REFERÊNCIAS	18

1 INTRODUÇÃO

Mundialmente, aproximadamente 150 milhões de adolescente entre 13 e 15 anos enfrentaram alguma situação de violência dentro ou ao redor da escola. Assim, entende-se que a violência escolar é um fenômeno de proporção global, tema de muitas discussões, com atenção especial, por ter se tornado um fator importante causador da desordem da educação e funcionamento do ambiente escolar (PIRES; HAIKAWA, 2013; REIS, 2018; SOARES, 2017).

No Brasil, o entorno das instituições de ensino, em sua maioria, não apresentam segurança para os alunos, mediante a violência armada que assola as comunidades, sendo de grande importância a segurança nos bairros que formam o entorno das escolas. Mas quando a violência está dentro do ambiente escolar, em forma de bullying, a democracia nas escolas favorece o convívio entre os alunos e o respeito as diferenças. A educação tem um importante papel na proteção de crianças e adolescentes contra todo tipo de violência, porém a ação em conjunto com políticas públicas, como da assistência social, da saúde, da segurança pública, gera resultados de maior eficácia no combate a violência e cultivo de ambiente escolar seguro (UNICEF, 2019).

A violência é caracterizada como “o uso da força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação”. A violência traz consigo grandes consequências, como danos físicos, psicológicos e sociais, que refletem, na vida da vítima, por anos após o abuso inicial (OMS, 2002).

A Organização Mundial de Saúde (2002) propõem três grandes categorias de violência: 1 – Violência dirigida a si mesmo (auto infligida): revela comportamento suicida e auto abuso; 2 – Violência interpessoal: abrange o abuso infantil, violência praticada por parceiro íntimo, abuso contra idosos, violência juvenil, estupro ou ataque sexual por estranhos, violência em grupos institucionais, tais como escolas, locais de trabalho, prisões e asilos; 3 – Violência coletiva: subdividida em violência social, política e econômica.

Em 2019, o UNICEF descreveu que a violência contra criança e adolescente engloba todas as formas de violência física ou mental e as subdivide em: física, psicológica, negligência ou abandono, sexual, tráfico, trabalho infantil, financeira e

institucional. Dentre estes, dois possuem maior destaque no que se refere a crianças e adolescentes nas unidades escolares: 1 - Violência física – ação infligida à criança ou adolescente que ofenda sua integridade ou saúde corporal ou que lhe cause sofrimento físico; 2 – Violência psicológica: qualquer conduta de discriminação, depreciação ou desrespeito em relação à criança ou ao adolescente mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, agressão verbal e xingamento, ridicularização, indiferença, exploração ou bullying que possa comprometer seu desenvolvimento psíquico ou emocional.

A violência psicológica escolar é, em muitas das vezes, difícil de ser identificada e comprovada, mas constitui atos como excluir o colega do convívio em grupo, aterrorizar, ameaçar, chantagear, ou perseguir o colega por motivos banais (diferença de gênero, classe social, religião, características físicas, dentre outros), difamar e compartilhar bilhetes e desenhos de caráter ofensivo com outros colegas sobre um aluno. Na maioria das vezes, a violência psicológica escolar constitui violência verbal, a qual está diretamente relacionada ao bullying. A palavra bullying deriva de *bully*, que significa “valentão”, tem origem inglesa e pode ser traduzida como “intimidar” ou “amedrontar”. O bullying é considerado um ato de violência que ocorre repetidas vezes, de modo a demonstrar dominância sobre outra pessoa ou um grupo e que pode desenvolver consequências na vítima a curto prazo (desmotivação de ir às aulas, baixo rendimento escolar, perda de interesse no convívio social, alguns passam a desenvolver comportamentos agressivos) e a longo prazo (alguns alunos não suportam a pressão psicológica sofrida rotineiramente, que desenvolvem distúrbios na saúde mental, como depressão, somado, muitas vezes, de automutilação e suicídio (BRANDÃO, MATIAZI, 2012; OLIVEIRA, 2015; SOARES, 2017).

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Trazer para discussão sobre as diversas formas de violência, em especial as que ocorrem no espaço escolar, destacando as causas e consequências da violência física, psicológica, simbólica e uma das mais preocupantes no cenário mundial: o bullying.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Verificar a existência e as manifestações da violência no ambiente escolar entre alunos, professores, gestores e funcionários;
- Compreender como os conflitos e a violência interferem nas relações sociais e de aprendizagem dos seus alunos e prejudicam o clima do ambiente escolar e como a intervenção do professor mediador pode contribuir para a sua melhoria;
- Conceituar os tipos de violência que ocorrem na sociedade, com suas consequências para a vida desses jovens e as implicações para a saúde física, mental e emocional dos envolvidos em situações de conflitos e violência, tanto no âmbito familiar, quanto no escolar e social;
- Analisar as estratégias de mediação de conflitos e superação das violências efetivadas pelo Sistema de Proteção Escolar das escolas brasileiras através da análise da legislação do Ministério da Educação.

3 JUSTIFICATIVA

No Brasil, a violência escolar é ainda um tema pouco estudado. Há alguns estudos que abordam as consequências da violência sobre o aprendizado ou o comportamento, associando-a negativamente ao baixo rendimento escolar e à abrangência de crimes como lesão corporal e até mesmo homicídios (TAVARES; PIETROBOM, 2016).

Em 2019, o UNICEF Brasil publicou um relatório no qual constam as seguintes informações: “Em termos mundiais, pouco mais de um a cada três estudantes entre 13 e 15 anos sofrem bullying e, na mesma proporção, se envolvem em brigas com lutas físicas. No Brasil, a PeNSE (Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar) indicou que 7,4% de estudantes sofrem bullying na maior parte do tempo ou sempre, nos 30 dias anteriores à pesquisa e 19,8% afirmaram já ter praticado bullying nos 30 dias anteriores à pesquisa [...]. 23,4% declaram ter se envolvido em brigas e/ou lutas físicas pelo menos uma vez nos últimos 12 meses que antecederam a pesquisa. E 12,3% responderam que foram seriamente feridos, pelo menos uma vez, nos últimos 12 meses que antecederam a pesquisa”.

A PeNSE (2015), do IBGE, analisando estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, apontou que 14,8% de estudantes afirmaram não frequentar a escola por pelo menos um mês antes da realização da pesquisa, justificando não terem segurança no caminho de casa para escola ou da escola para casa, e ainda, 9,5% justificaram não se sentirem seguros dentro da própria instituição escolar.

“Nenhuma criança e nenhum adolescente deveria ter medo de ir à escola”. A parceria da educação, saúde, assistência social, comunidades, famílias e estudantes, proporcionam a criação do ambiente escolar seguro e acolhedor (UNICEF, 2019).

A violência dentro e fora do ambiente escolar têm gerado muitos conflitos que se manifestam dentro da sala de aula e compromete o aprendizado. A motivação por esse tema surgiu pela observação do grande espaço que o assunto ocupa nos noticiários, jornais, revistas e periódicos. O bullying passou a ser considerado como um problema de saúde pública, devendo ser reconhecido pelos profissionais de saúde em razão dos danos físico-emocionais sofridos por aqueles que estão envolvidos nele. Assim, é importante observar a importância desse tema na sociedade, pois como descrito acima, os índices de violência nas escolas só tem

aumentado, acarretando em uma necessidade do desenvolvimento de mais trabalhos e mais iniciativas que abordem o tema violência escolar no contexto brasileiro, enfatizando os impactos que a violência apresenta às escolas e seus entornos.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 EDUCAÇÃO E VALORES

O conceito de educação não é constante, sendo assim, apresenta alterações ao longo do tempo, e, para o auxílio no desenvolvimento do indivíduo, é necessário que haja mudanças capazes de acompanhar as modificações sofridas na educação. Tais atitudes possibilitam que os educandos desenvolvam suas capacidades e seus conhecimentos, transformando-os em seres mais compreensivos e com olhar ativo para a convivência com a sociedade (BARBOSA, 2016).

O Art. 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) afirma que a "educação é dever da família e do Estado. Tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho".

A preocupação educacional deve ser baseada num cenário de vivência das crianças e adolescentes, preparando-os para um mundo mais humano. Ao tratar dos avanços da sociedade contextualizando a condição humana, a educação deve alcançar um nível mais alto do que ser apenas um instrumento de competitividade de conhecimento, não havendo separação em nenhum aspecto, tornando indivíduos completos, criteriosos e participativos na construção de cidadãos (SCHIFFER, 2002; OLIVEIRA, 2011).

Um dos principais objetivos e função da educação é formar cidadão, conduzindo as crianças e jovens a cultivar padrões que tenham como base o respeito aos limites comportamentais que lhe são estabelecidos. Os pais e professores são imprescindíveis para demonstração do caminho da liberdade de convivência entre sociedade. A educação que estimula a cidadania, traz consigo trabalhos de respeito a tradições, raça, sexualidade, divisões sociais, sem causar conflito ou separação entre as pessoas, além de provocar a solidariedade e ajuda mútua, o que nos remete a conclusão de que a educação e os valores humanos são unidos entre si, em prol do desenvolvimento do intelecto e caráter humano (PONTAROLO, 2005; OLIVEIRA, 2011).

Educar na liberdade e na responsabilidade deve ser, antes de tudo, um processo de educação integral das pessoas que desenvolvem todas as

suas capacidades a partir de situações que possibilitem a autoestima pessoal, a livre escolha entre um conjunto de valores e que leve a uma maturidade não apenas intelectual, mas também moral, nos domínios tanto afetivos como sensoriais e que conduzam ao desenvolvimento do juízo crítico e da capacidade de transcendência (RAYO, 2004, p.170).

Para a tolerância e respeito mútuo, a educação é uma condição necessária à democracia, e deve ser vista como uma responsabilidade universal e contínua. Porque os valores e a tolerância precisam ser livremente escolhidos e não previamente impostos; para tanto, é importante que as escolas desenvolvam estratégias que apoiem os alunos a compreender o ponto de vista do seu próximo, incentivando conversas de dilema moral ou de opções éticas (DELORS, 1998).

4.2 TIPOS DE VIOLÊNCIA ESCOLAR E O BULLYING

A escola é uma instituição que objetiva a socialização e o progresso entre as pessoas privilegiando o exercício da democracia que favoreça o desenvolvimento de uma cidadania crítica e autônoma. Deve possibilitar as condições para que o alunado ingresse em seu meio assumindo o compromisso de que este é um ambiente de aprendizagens e construção do saber (BARBOSA, 2016).

Conforme a LDB, n. 9394/96,

[...] cada escola dispõe na conquista de sua autonomia, para, dentro dos limites definidos na própria legislação e Diretrizes dos Parâmetros da Educação básica, solucionar seus problemas [...]. Isso permite a comunidade definir e traçar normas no que se refere à disciplina interna da escola, assim como a construção de regras de convivência e até disciplinares pela própria comunidade escolar. [...] deve favorecer o respeito a esse direito, diminuir os atos de violência, e reduzir a necessidade do emprego da repressão [...]

Houve muitas mudanças quanto a maneira de analisar a violência escolar no decorrer do tempo. Antes, a violência escolar era identificada como forma de punições e castigos dos professores para os alunos, enquanto atualmente, ela está mais identificada entre os alunos e/ou nas ações dos alunos contra a escola. Assim, dentre diversos tipos de violência encontrados dentro da escola, a violência por parte do alunado é o que mais predomina (ABRAMOVAY; RUA, 2002).

Tabela 1 - Formas de violência

I- Quanto ao grau	-Violência simples ou pontual: aquela em que o autor ataca sua vítima de forma esporádica.
	-Violência complexa ou frequente: aquela em que o agressor ataca a sua vítima de maneira frequente.
II- Quanto à forma	Violência direta: contra pessoas, interpessoal.
	Violência indireta: contra utensílios, bens ou patrimônio (destruções, vandalismo, furtos)
	Violência oculta
	Violência identificada
III- Quanto ao tipo de violência	Violência física e sexual
	Violência verbal
	Violência psicológica
	Violência fatal
IV- Quanto ao nível	Discentes
	Docentes
	Funcionários
	Pais
	Instituição
V- Quanto às dimensões	Violência dentro da escola (relações interpessoais, furtos)
	Violência na área próxima da escola (relações interpessoais, uso e tráfico de drogas)
	Violência da escola (simbólica disciplinarização dos corpos e das mentes, métodos de ensino, relação da comunidade escolar e desesperança com o papel da escola)
VI- Quanto aos determinantes	Fatores biológicos (idade, nível de ativação hormonal). Fatores pessoais (dimensão da personalidade com certa propensão à violência)
	Fatores familiares (modelos de interação familiar, desagregação familiar).
	Fatores sociais (condições socioeconômicas).
	Fatores cognitivos (experiências vividas: isolamento, privação, associação entre emoção e agressão).
	Fatores ambientais (exposição repetida à violência doméstica, nos meios de comunicação e em jogos eletrônicos, tráfico e uso de drogas, impunidade)
VII- Quanto às consequências da violência	A- Docentes -Disrupção (perturbação nas aulas). Absenteísmo (falta de assistência às aulas). Problemas somáticos e psicológicos (ansiedade, tédio, depressão). Falta de interesse e desencanto pela escola. Queda do rendimento escolar. Falta de perspectiva de futuro melhor via educação. Diminuição da autoestima. Evasão escolar. Retenção escolar. Descrença no Poder Público.
	B- Docentes e quadro funcional -Desesperança. Descrença no sistema educacional. Diminuição da autoestima. Problemas somáticos.

Fonte: Adaptação de Fante (2003).

O UNICEF (2019) caracterizou a violência no ambiente escolar de três formas distintas:

1 – Violência à escola – realizada contra o espaço físico ou contra membros da escola. Compreende-se por violência à escola pichações e depredações, agressões a professores e demais funcionários, baixa qualificação de professores, péssimas condições de trabalho e de salário, e a violência associada à cultura de grupos armados;

2 – Violência na escola – é a que vem de fora (extensão familiar e comunitária) e interfere na dinâmica interna do espaço escolar. Trata-se de maus tratos, negligência dos pais, violência doméstica contra a mãe, idosos, crianças e adolescentes, abuso, exploração sexual comercial, alcoolismo e dependência química dos pais ou dos próprios estudantes.

3 – Violência da escola – algumas vezes, em seu andamento e na ação de seus representantes a escola constitui o ambiente propício para realização da violência, através do bullying, violência sexual e de gênero, violência física e psicológica. Também são exemplos desse tipo de violência, o cyberbullying e assédio digital.

O termo bullying possui origem inglesa e é aplicado para conceituar um tipo de violência escolar que está em expansão. O bullying não é caracterizado como uma simples briga entre alunos, mas sim como um tipo de ação intencional e repetitiva contra uma pessoa mediante ataques físicos e/ou psicológicos para o expor ao ridículo (FANTE; PRUDENTE, 2018; SILVA, 2018).

Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (bullying), no âmbito das escolas (Art. 12, Inciso IX, Lei 9.394/96).

O bullying se distingue das demais formas de violência por ser um ato proposital e contínuo, não necessita de provocação da parte da vítima, e está diretamente ligado a desigualdade de autoridade entre alunos agressores e vítimas (SALMIVALLI, 1996; PEREIRA, 2002; RAIMUNDO; SEIXAS, 2009). Aramis Neto (2011) descreve em seu livro algumas formas de identificar o bullying, que pode ser: bullying físico – onde ocorre a violência física propriamente dita por um agressor ou um grupo de autores; bullying psicológico – consiste em perseguir, amedrontar, aterrorizar, manipular, intimidar, dominar e/ou chantagear o colega; bullying moral – acontece mediante difamação, calúnia ou disseminação de boatos; bullying verbal – consiste em insultos, xingamentos e apelidos repetitivos; bullying social – quando o agressor ou o grupo ignora, isola ou exclui o colega do convívio com os demais alunos; bullying material – consiste em roubos, furtos e/ou destruição dos pertences da vítima; bullying virtual – este representa a humilhação ao colega através de aparelhos e equipamentos de comunicação.

4.2.1 Consequências comportamentais das vítimas do bullying

Compõem as vítimas de bullying, geralmente alunos mais novos, retraídos, pouco sociáveis, que possuem algum tipo de deficiência física ou mental, homossexuais e com sobrepeso. Estes indivíduos, inicialmente, apresentam maior tendência ao abandono escolar, a ter dificuldades nas atividades escolares, a doenças, indisposição ou dificuldade com o sono, e posteriormente, podem apresentar bloqueios psicológicos e, conseqüentemente, dificuldade de relacionamento social. Entre as mais preocupantes de todas as conseqüências do bullying, estão a depressão (que inclui não apenas alterações de humor, mas também alterações cognitivas), o sentimento de agressão (muitas vezes, faz com que a vítima passe a agir igual ou pior que o seu agressor, movido pelo sentimento de vingança), a automutilação (acreditando ser a saída para o sofrimento constante, a vítima passa a se machucar fisicamente como forma de obter alívio), e o suicídio, o qual representa casos extremos, movido pelo mesmo sentimento da automutilação, porém em maior intensidade (ZEQUINÃO, M.A, et al., 2016; NETO, 2011).

4.2.2 Características da personalidade dos espectadores e dos agressores do bullying

Neto (2011) ressalta que não somente as vítimas do bullying sofrem com tais agressões, mas também os próprios agressores e espectadores, mesmo que em proporção menor. Compõem o grupo de agressores tanto garotos, quanto garotas, que possuem em sua personalidade, sinais de desrespeito e maldade, geralmente associados ao poder de liderança; são crianças ou adolescentes que não toleram regras e nem gostam de ser contrariados.

Diversos alunos que são considerados agressores, necessitam simplesmente de afeto, o que pode ser deficitário em sua casa e na maioria dos casos reproduzem as relações sociais que estão a sua volta. Sendo assim, o aluno busca de alguma forma reproduzir essa relação afetiva. O que lhes falta, de forma explícita, é afeto pelos outros. Essa afetividade deficitária (parcial ou total) pode ter origem em lares desestruturados ou no próprio temperamento do jovem. Os agressores possuem a necessidade de chamar atenção, O importante para eles é o público observando seu ato ou a vítima sendo reprimida. Em alguns casos os educandos que praticam o bullying (QUADRADO; FERREIRA; LIMA, 2019).

Os espectadores são os que testemunham as agressões, mas não agem contra, seja por causa do medo de ser mais uma vítima do bullying, ou porque apoiam os agressores, para se sentir superior, através de risadas ou palavras de incentivo, ocasionando mais dor e sofrimento à vítima. Há ainda os espectadores que não tomam nenhuma atitude em defesa da vítima simplesmente por não demonstrarem nenhum tipo de compaixão por elas (SILVA, 2015).

4.3 PROPOSTAS DE MEDIAÇÃO DE CONFLITO

Para combater o bullying escolar e suas consequências, os adultos (pais / responsáveis e colaboradores das instituições de ensino) devem assumir o papel de intervenção apoiando-se em princípios, como: O incentivo ao diálogo – “é necessário ter muita conversa, principalmente quando se tem uma prática de bullying sendo realizada no ambiente escolar ou em qualquer outro, pois é com ela que conseguimos alcançar tanto as vítimas, mostrando a elas que não estão sozinhas nesse caminhos, como também os agressores, para que estes possam também estarem cientes de que estão sendo observados e não saíam “impunes” nessa prática, e por fim os expectadores, para que saibam que também possuem oportunidade de ajudar e não se calar diante desses atos que prejudicam não apenas a um indivíduo, mas todo o grupo”; Escuta atenta e empática e construção de vínculos afetivos fortes – para fazer com que o aluno vítima de bullying se sinta acolhido e confiante para expor o que está sofrendo e buscar ajuda; Incentivo a participação familiar e escolar – em casos de bullying escolar, a atenção da família e de toda equipe da escola é de suma importância, pois a educação ensinada por cada uma deve trilhar o mesmo caminho; Estabelecimento de limites e criação e implementação de regras (SILVA, 2015; SILVA, 2017).

5 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura, e posterior análise de publicações oriundas de revistas científicas, livros técnicos e publicações nacionais. A identificação dos artigos de interesse será realizada utilizando-se as bases do SCIELO e LILACS, a partir da palavra-chave pré-definida “violência” combinada com “escolar”, limitando a busca para palavras do título ou do resumo, no idioma português, estudos feitos em escolas e publicações a partir de 2014 a 2019.

Para a realização da busca de artigos serão utilizados com critérios de inclusão: artigos originais, textos disponíveis na íntegra, em formato de artigos científicos e dissertações, em língua portuguesa. Os critérios de exclusão foram: estudos de revisões de literatura, editoriais e artigos não relacionados ao tema do estudo. Para a busca, serão utilizadas as seguintes palavras-chave: Violência, escola e Bullying.

Numa segunda etapa serão aplicados critérios de exclusão, considerando inadequados para os objetivos propostos os artigos que não abordaram a violência no ambiente escolar, também serão excluídos artigos que não abordem a faixa etária que agrupam crianças e adolescentes.

Gil (2010, p.1) define a pesquisa como o “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”.

Segundo Gil (2002) “a pesquisa bibliográfica tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito além do aprimoramento das ideias que possam estimular uma melhor compreensão do problema estudado”.

Diante disso, a metodologia da pesquisa é de cunho qualitativo, pois visa à realização de uma análise baseada em ideias que já existem a fim de construir novos conhecimentos. Gil (2010, p.29-31) diz que: “a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado”.

Para a análise dos dados, será realizada uma primeira leitura dos resumos dos estudos selecionados e, posteriormente, uma leitura integral dos textos, com atenção à qualidade metodológica dos mesmos e reavaliação da manutenção ou exclusão dos artigos na revisão. Por fim será desenvolvida uma produção de fichamento e organização dos dados em uma tabela para facilitar a análise dos resultados.

6 CRONOGRAMA DE DESENVOLVIMENTO

Atividades	Jun/ 2019	Jul/ 2019	Ago/ 2019	Set/ 2019	Out/ 2019	Nov/ 2019	Dez/ 2019
Escolha do tema	X						
Elaboração do projeto de pesquisa	X	X	X				
Apresentação do projeto de pesquisa			X				
Alterações no projeto de pesquisa		X	X				
Levantamento de dados complementares		X	X	X	X		
Análise de dados		X	X	X	X		
Interpretação dos resultados e conclusão		X	X	X	X		
Redação do relatório final		X	X	X	X		
Revisão e nova redação						X	X
Apresentação do relatório final							X

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY M.; RUA M., **Violências nas escolas**. UNESCO. 1 (2), 400 p. Brasília, 2002.
- BARBOSA, J.M. **Exercícios de valores na rede pública do ensino fundamental 2 da Escola Edith Dias do município de Candeias-Ba**. 2016. Dissertação (Licenciatura em Pedagogia) – FAC.
- BLIN, J.; GALLAIS-DEULOFEU. C. **Classes difíceis: ferramentas para prevenir e administrar os problemas escolares**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- BRANDÃO, E.C., MATIAZI, L.D. **Bullying: violência socio educacional – desafio permanente**. 2012. Dissertação (Licenciatura em Pedagogia) – UNIESPAR.
- BRASIL. Decreto – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Senado Federal, Brasília, 2005.
- DELORS, J., et.al. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 1998.
- FANTE, C; PRUDENTE, Neemias Moretti. **Bullying em debate**. Editora Paulinas, 2018.
- NETO, A.A.L. **Bullying: saber identificar e como prevenir**. São Paulo: brasiliense. 2011.
- OLIVEIRA, C.M.B. **Valores humanos na educação: reflexões sobre j. contemporânea**. Disponível em: <http://200.17.141.110/forumidentidades/vforum/textos/Cristina_Mesquita_Bispo_Oliveira.pdf>.
- OLIVEIRA, R.A. **Violência nas escolas: o pensar e o agir dos professores**. Ver. Baiana de Saúde Pública. 2015. 39 (1): 119-138.
- OMS, ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório Mundial sobre Violência e Saúde**. Genebra, 2002
- PEREIRA, B.O. **Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- PIRES, S.B.N.; HAIKAWA, N.Y. **O serviço social frente à violência**. Rev. Conexão Eletrônica. 2013. 10 (1): 1388-401.
- PONTAROLO, R.S. **ATIVIDADE AXIOLÓGICA NA EDUCAÇÃO**. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada6/trabalhos/662/662.pdf>.

QUADRADO, J.C., FERREIRA, E.S., LIMA, E. **Bullying no ambiente escolar: relações de gênero em pauta**. Revista de Ciências Humanas e Sociais, 2019, 4(4).

RAIMUNDO, R.; SEIXAS, S. **Comportamentos de bullying no 1º ciclo: estudo de caso numa escola de Lisboa**. Interações. 2009. n. 13, p. 164-86.

RAYO, J.T. **Educação em Direitos humanos: rumo a uma perspectiva global**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

REIS, J.P.S. **Percepções de professores do 6º ano sobre o fenômeno da violência em uma escola municipal de Muritiba-Ba**. 2018. Dissertação (Licenciatura em Pedagogia) – FAMAM. Disponível em: <<http://131.0.244.66:8082/jspui/123456789/1273>>.

SALMIVALLI, C. et al. **Bullying as a group process: participant roles and their relations to social status within the group**. Aggressive Behavior. 1996. v. 22, p. 1-15.

SCHIFFER, M.B. **Uma nova perspectiva na educação: valores humanos e Saberes escolares**. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/531_531.pdf>.

SILVA, B.A.G. **Bullying: A violência nas escolas de Ensino Fundamental I educando para a paz**. 2017. Dissertação (Licenciatura em Pedagogia) – FAAT.

SILVA, A.B.B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Globo/Principium. Rio de Janeiro, 2015. 2ª edição.

SOARES, A.M. **Conflitos na escola: mediação e (des)controle**. Revista de Ciências Humanas. 2017. 18 (30): 152-175.

TAVARES, P.A.; PIETROBOM, F. C. **Fatores associados à violência escolar: evidências para o Estado de São Paulo**. Estudos Econômicos (São Paulo), v. 46, n. 2, p. 471-498, 2016.

UNICEF Brasil. **A educação que protege contra a violência**. Cidade Aprendiz, 2019.

ZEQUINÃO, M.A, et al. **Bullying escola: um fenômeno multifacetado**. Educação e Pesquisa. 2016. 42(1): 181-198.